

Vem aí a Sup

R\$
5,9
BILHÕES

*é o valor adicional
que a empresa terá
para investir em
novas usinas no
orçamento de 2008*

er Eletrobrás

O governo quer transformar a estatal num gigante. O plano prevê novas usinas dentro e fora do País, criando uma empresa tão valiosa como a Petrobras. Conseguirá?

ADRIANA NICACIO

O ENGENHEIRO MARANHENSE José Antônio Muniz assumiu a Eletrobrás, no dia 10 de março, depois de uma guerra política que colocou em lados opostos o senador José Sarney e a ministra Dilma Rousseff. Sarney levou a melhor e indicou Muniz, seu amigo de 45 anos, para o comando de uma empresa que é gigante apenas no nome. Embora pareça dona do setor elétrico nacional, a Eletrobrás é dividida em várias subsidiárias, tanto na geração como na distribuição. Poucos dias depois da posse, essa história começou a mudar, quando o Senado promulgou a Medida Provisória 396, abrindo espaço para mudanças importantes. **A estatal ficará fora dos cálculos do superávit primário, poderá ser majoritária em novas usinas, terá liberdade para investir fora do País e também para se endividar.** Tímido, Muniz falou na criação de uma Super Eletrobrás - e o mercado gostou da idéia. "Dei uma simples declaração, as ações subiram 8% e eu me recolhi", disse ele à DINHEIRO. Agora, na sua primeira entrevista exclusiva, este técnico que dedicou toda a sua vida ao setor elétrico decidiu detalhar seu plano. "Vamos transformar a Eletrobrás numa Petrobras, seguindo tudo aquilo que eles fizeram."

O projeto é ambicioso porque visa transformar o patinho feio do setor estatal brasileiro

num cisne, como é a Petrobras. Com lápis na mão, Muniz garante que a nova lei eleva o poder de fogo da empresa. Se antes o orçamento da Eletrobrás entrava no cálculo do superávit, neste ano, a estatal terá R\$ 5,9 bilhões a mais para gastar. **Fora isso, está em estudo a emissão de novas ações da Eletrobrás, como forma de captar recursos. Livre das amarras atuais, a Eletrobrás partirá para as licitações de duas hidrelétricas binacionais na Bolívia e uma na Argentina.** Além disso, a empresa tem planos para investir em energias alternativas, como pequenas centrais a gás, usinas térmicas abastecidas com bagaço de cana e energia eó-



USINAS: empresa será majoritária

lica. "Temos interesse no programa nuclear e vamos retomar não só Angra 3 como outras unidades", explica Muniz. Ele também rejeita o rótulo de estatizante. "Vamos ser majoritários, mas há espaço para o setor privado."

Na esperança de se tornar uma empresa como a Petrobras, a Eletrobrás contratará uma consultoria internacional para elaborar seu plano estratégico. Tudo compatível com a lei americana Sarbanes Oxley, que visa proteger investidores minoritários. Outra medida para aumentar seu valor em bolsa é o pagamento dos cerca de R\$ 7 bilhões em dividendos atrasados. Em apresentação a analistas de mercado no Rio de Janeiro, Q diretor financeiro Astrogildo Quental afirmou que eles serão pagos ainda este ano. Isso, no entanto, não inclui uma pendência jurídica que pode ser maior. O advogado gaúcho Edison Siqueira, que diz representar créditos de US\$ 5 bilhões, organizou uma as-

sembléia de debenturistas no Rio de Janeiro há poucos dias e enviou uma denúncia ao Ministério Público - a estatal, no entanto, não reconhece a dívida. "Este caso está sendo denunciado à Justiça brasileira e também às autoridades americanas", disse Siqueira à DINHEIRO.

O novo presidente da empresa, certamente, terá muitos desafios pela frente, incluindo os eventuais esqueletos judiciais. Outro será unificar, em bolsa, as ações do setor elétrico - se depender de Muniz, só a Eletrobrás será negociada. O mercado acompanha as mudanças com atenção, mas também com cautela. "A Eletrobrás ainda é uma caixa-preta e isso explica a baixa valorização dos papéis", explica um analista de um grande banco de investimentos, que preferiu não se identificar. "É uma empresa ainda bem complicada", diz Wagner Faccini, sócio da corretora Geração Futura. **Em relatórios distribuídos a investidores, analistas do Citibank e do Credit Suisse se mostram céticos. Informam que há o risco de a Eletrobrás ser usada pelo governo federal para investir em projetos com baixo índice de retorno e recomendam a venda dos papéis.** Está aí, no temor de uso político, um dos desafios da Eletrobrás. Fato que a Petrobras conseguiu deixar para trás no passado, quando profissionalizou a gestão. "Vamos vencer o preconceito e transformar a Eletrobrás numa grande empresa", diz o ministro de Minas e Energia, Edison Lobão.

Outro ponto importante é a renovação das concessões de energia elétrica, fato que minou o leilão da Companhia Energética de São Paulo (Cesp). Sem garantias, nenhuma empresa entrou na concorrência. "Natural", disse Muniz. "Estranho seria se houvesse comprador." Mas esse não é um problema só de São Paulo. As concessões de 670 usinas vão vencer entre 2011 e 2015. "O Conselho Nacional de Política Energética criará um grupo de trabalho para propor novos critérios", explica o ministro Edison Lobão. Mas tudo indica que as concessões serão renovadas. Até porque, muitas delas, como Xingo e Paulo Afonso, pertencem a essa nova Super Eletrobrás.

"VOU COPIAR A PETROBRAS"

Na sua primeira entrevista, José Antônio Muniz revela os planos para a Eletrobrás

DINHEIRO - Qual será a primeira mudança?
JOSÉ ANTÔNIO MUNIZ - Vamos unificar a gestão das cinco distribuidoras que são controladas pela Eletrobrás e têm dado prejuízos. O presidente da Companhia Energética do Piauí, de Alagoas, do Acre, de Rondônia e da Manaus Energia será um só, da Eletrobrás.

E as demais controladas como Furnas, Chesf e Eletronorte?

A Eletrobrás vai funcionar como uma holding. E só ela terá ação na bolsa.

Que outras alterações devemos esperar?

Vamos fazer um planejamento estratégico, teremos conceitos de governança corporativa, alterações estatutárias. Para isso, vamos contratar uma empresa especializada, como a Petrobras fez, de padrão internacional.

A medida provisória dá esse poder à Eletrobrás? De se tornar uma Petrobras?

Com ela, podemos aumentar nossa participação no mercado, liberados do superávit primário. Vamos investir nas hidrelétricas binacionais, em usinas nucleares e pequenas usinas que se viabilizarem ambientalmente na região Amazônica. E vamos buscar também a redução das perdas do sistema elétrico, que hoje são muito grandes, perto de 30%.

E os próximos investimentos?

Tem Jirau, no rio Madeira, tem o sistema de transmissão acoplada às usinas do rio Madeira. Tem o sistema de transmissão em Tucuruí, Manaus. Tem as usinas do Parnaíba. A curto prazo são esses os empreendimentos nos quais estamos focados. Todas essas mudanças têm um único objetivo: garantir a energia para manter o nível de produção. Com modicidade tarifária. O que seria isso? A tarifa adequada ao consumidor. Não é a menor tarifa, a tarifa de graça, a tarifa barata. É a melhor tarifa.

Não é um plano estatizante?

Não. Nós vamos crescer, mas há muito espaço para o setor privado.

